

# A PRÁXIS DOCENTE: A AFETIVIDADE E SUA AÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

*Data de aceite: 27/12/2023*

### **Gicele Santos da Silva**

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNISINOS/RS (1993). Graduada em Engenharia Civil pela UNISINOS/RS (1995). Graduada em Administração pela ANHANGUERA/RS (2017). Graduada em Gestão da Produção Industrial pela UNINTER (2017). Graduada em Formação Pedagógica em História pela UNINTER(2019). Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela UNINTER/RS. Pós-graduada em MBA em Coaching Estratégico pela FAMAQUI/RS (2017). Pós-Graduada em Formação Docente para EAD pela UNINTER (2018). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci/Grupo UNIASSELVI - Polo IERGS (2018). Pós-graduada em MBA em Desenvolvimento Humano para Estratégia e Inovação pela UNINTER (2020). Pós-Graduada em MBA em Gestão e Processos de Qualidade - UNINTER (2021). Pós-Graduada em Educação e Novas Tecnologias - UNINTER (2022). Pós-Graduada em Games e Gamificação na Educação – UNINTER (2023).  
<https://lattes.cnpq.br/57052990214900644>  
<https://orcid.org/0009-0001-8624-1600>

**RESUMO:** Na ação docente, o professor constantemente revê sua formação, que se constitui através de crenças, de valores, de atitudes, de questionamentos e troca de experiências, fazendo-o perceber o ato de ensinar e aprender como uma práxis transitória entre a aprendizagem e as relações interpessoais estabelecidas entre ele e o aluno. Através deste artigo é possível investigar a afetividade frente a esse processo, sendo ela um agente multiplicador de competências e habilidades, uma busca investigativa dos fatores, que fazem das relações humanas entre professor e aluno um diferencial para aquisição de novos saberes, onde a afetividade é um instrumento pedagógico que subsidia a educação do sujeito. Em decorrência disso, prepara-o para o mercado de trabalho, sendo o afeto fundamental para a vida, em todas as suas fases e de todas as formas. O estudo destaca a importância dos vínculos afetivos no processo de ensino-aprendizagem e do papel do Professor em manter-se atento diante dos vários aspectos de afeto estabelecidos nessa relação. O método escolhido consiste em uma pesquisa exploratória através de bibliografias de autores que são ênfase a questão afetiva e sua contribuição, tanto

pedagógica quanto educacional no processo de ensino aprendizagem por intermédio do Professor. Sendo assim, inúmeras possibilidades se abrem para o ato de aprender e ensinar; ora sujeito, ora objeto essa troca permite ampliar os saberes, explorar mecanismos que auxiliam na interação e também na crescente necessidade de encaminhar ações eficazes, permanentes e sustentáveis para a construção de um novo paradigma educacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Docência. Afetividade. Ação Pedagógica. Processo de Aprendizagem. Pedagogia Afetiva.

**ABSTRACT:** In teaching, the teacher constantly reviews his training, which is constituted through beliefs, values, attitudes, questions and exchange of experiences, making him perceive the act of teaching and learning as a transitional praxis between learning and interpersonal relationships established between him and the student. Through this article it is possible to investigate affectivity in the face of this process, as it is a multiplier agent of skills and abilities, an investigative search for the factors that make human relationships between teacher and student a differentiator for the acquisition of new knowledge, where affectivity is a pedagogical instrument that subsidizes the subject's education. As a result, it prepares you for the job market, with affection being fundamental to life, in all its phases and in all its forms. The study highlights the importance of emotional bonds in the teaching-learning process and the role of the Teacher in remaining attentive to the various aspects of affection established in this relationship. The chosen method consists of exploratory research through bibliographies of authors who emphasize the affective issue and its contribution, both pedagogical and educational in the teaching-learning process through the Teacher. Therefore, countless possibilities open up for the act of learning and teaching; sometimes subject, sometimes object, this exchange allows expanding knowledge, exploring mechanisms that assist in interaction and also in the growing need to take effective, permanent and sustainable actions towards the construction of a new educational paradigm.

**KEYWORDS:** Teaching. Affectivity. Pedagogical Action. Learning process. Affective Pedagogy.

## INTRODUÇÃO

A ação docente é uma tarefa árdua no cotidiano. Trata-se de um desafio constante, pela pesquisa de formas inovadoras para o ensino e para o aprendizado. Uma importante ferramenta neste processo: a afetividade para estabelecer laços com os educandos e, com isso, permear este vasto universo de possibilidades ao redor das etapas de aprendizagem por intermédio das relações estabelecidas entre professor e aluno.

Destaca-se a importância que o professor-mediador do conhecimento exerce, assim como, a importância da qualidade dessa relação, professor-aluno, para a aprendizagem, sendo essa, produto da criação, onde o aluno aprende um conceito criando e o educador ensina desenvolvendo com os alunos, o movimento dessa criação.

A presente pesquisa objetiva compreender as relações interpessoais e o vínculo afetivo que facilita a comunicação e as linguagens formando laços sólidos nas relações humanas. A originalidade de cada indivíduo cria uma comunicação interpessoal e com ela

todo o processo, que envolve o segredo do conviver.

Este artigo busca investigar os fatores que fazem das relações humanas entre o Professor e o aluno um diferencial para a aquisição de novos saberes, onde a afetividade é um instrumento pedagógico que subsidia a educação do sujeito, em decorrência disso, o prepara para o mercado de trabalho.

O método escolhido é de uma pesquisa exploratória através de bibliografias de autores que dão ênfase a questão afetiva e sua contribuição, tanto pedagógica quanto educacional, no processo de ensino aprendizagem por intermédio do Professor. Por meio desta metodologia, podem-se compreender as relações sociais que indicam a trajetória da relação Professor e Aluno tendo como ponto fundamental a questão na formação do aluno e sua vinculação com o processo educacional.

A educação, por sua vez, é tão fascinante que em dias como os de hoje, quando inúmeros saberes estão ao alcance através de apenas um clique, primar pelo contato a vivo, discutir ideias, trocar experiências que não seja pelo celular ou computador, é algo que causa espanto.

Sobre essa percepção, Chalita (2001) afirma:

A educação não pode ser um mero instrumento de conhecimento para fins de competitividade. A educação não pode ser reducionista; devem ser ampla, na direção da formação dos seres humanos completos, críticos e participativos, na direção da construção da cidadania. (CHALITA. 2001, p. 58)

A figura do Professor educador deve ter como objetivo a busca e a viabilidade de ferramentas que o motive e impulsione o seu aluno no processo de aprendizagem, possibilitando a ele uma visão de futuro e da escolha de caminhos que o levem ao sucesso e a realização pessoal, ao mesmo tempo em que o prepara para as adversidades que encontrará durante seu processo de crescimento enquanto indivíduo. O foco do docente deverá ser de comprometimento em estabelecer uma relação de confiança e de afetividade para com o seu aluno dentro da sala de aula, preparando-o para o futuro e para a vida, e também conduzindo com responsabilidade e afeto.

## **METODOLOGIA**

A metodologia consiste em um processo de desenvolvimento e conjunto de etapas e processos a serem cumpridos, ordenadamente, na investigação. Representa o passo a passo realizado da geração da pergunta a ser respondida até a obtenção da resposta e quais meios serão utilizados para tanto.

Para o desenvolvimento do problema de pesquisa, utilizou-se um processo metodológico contemplando a realização de uma pesquisa qualitativa, partindo do preconizado pela revisão bibliográfica, objetivando o nivelamento dos conhecimentos. Com esse nivelamento, é possível a extração de uma visão crítica, dos aspectos norteadores.

Desenvolveu-se uma pesquisa exploratória e descritiva com o intuito de promover um maior conhecimento na área de estudo, através de bibliografias de autores que dão ênfase à questão afetiva e sua contribuição, tanto pedagógica quanto educacional, no processo de ensino aprendizagem por intermédio do professor.

Segundo Gil (2008):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2008, p. 41).

Conforme o objeto de estudo do artigo e com a utilização da análise literária por intermédio do acesso à literatura acerca de autores que buscam entendimento da problemática apresentada, faz-se necessário ressaltar que a natureza quanto à abordagem da pesquisa fora destacada pelo levantamento bibliográfico, como livros, artigos, a utilização de publicações em *sites* seguros e dotados de contribuição do saber para a construção do artigo e periódicos publicados para o oferecimento do conhecimento com forte embasamento teórico.

Segundo Trivinhos (2008, p.109): “Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiências em torno de determinado problema”.

Considerando o desenvolvimento proposto por Tranfield, Denyer e Smart (2003), o processo metodológico seguido: “Estágio 1 Planejamento da Revisão - Estágio 2 Condução da Revisão - Estágio 3 Apresentação e Discussão dos Resultados”.

A escolha da abordagem qualitativa torna-se necessária no presente estudo, pois permite respostas a realidades que não podem ser quantificadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **1. A AFETIVIDADE COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DO CONHECIMENTO**

Os relacionamentos de todos os envolvidos no cotidiano educacional revelam diferentes conhecimentos, habilidades de relacionamento interpessoal, conteúdos da cultura que são temporais, múltiplos e heterogêneos.

A construção dos saberes acontece no tempo de vivência do indivíduo, junto a sua família, na escola, nas integrações cognitivas e afetivas. Devem-se estabelecer relações de empatias com o outro ser humano, procurando entender e perceber seus sentimentos, intenções e mensagens. Tais características nos dão a possibilidade de um relacionamento pleno com os demais, além de uma melhor qualidade de vida.

Falar de afetividade, segundo Benato (2001, p.13): “[...], é falar da essência da vida humana no sentido em que o ser humano, social por natureza, se relaciona e se vincula

a outras pessoas desde sempre, sendo feliz e sofrendo em decorrência dessas inter-relações”.

Para Ferreira (1999) a afetividade significa:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. O afeto é essencial para todo o funcionamento do nosso corpo. Ele nos dá coragem, motivação, interesse, e contribui para o desenvolvimento do ser. Durante toda a nossa existência, muitos acontecimentos fazem parte da nossa consciência; são as nossas experiências de vida. Essas experiências podem ser agradáveis ou não e é por meio do afeto que aprendemos essas informações. Todas as relações familiares, profissionais ou pessoais são permeadas pela afetividade, em qualquer idade ou nível sociocultural. (FERREIRA, 1999, p.62).

Conforme afirmação de Wallon (2008):

[...] a afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico. (WALLON, 2008. p.73)

A afetividade se faz presente na vida de qualquer indivíduo, independente da sua origem ou classe social.

Faz-se necessário que o educando perceba a relação entre o que está aprendendo e a sua realidade. Somente desta forma a aprendizagem poderá provocar de uma forma eficaz mudanças no seu comportamento e qualificando sua educação.

Tradicionalmente, nas escolas a relação professor-aluno era vertical, onde ao professor pertencia o poder do conhecimento, do saber e o educando apenas recebia este conhecimento pronto. Ele não fazia a menor questão de vivenciar com os seus alunos a aprendizagem, atuava sem qualquer tipo de expressão humana em relação ao aluno, prejudicando sua qualidade afetiva e produtiva em sala de aula. Com isso, o papel do educador ficou comprometido com a construção do conhecimento dos educandos.

O docente precisa saber visualizar exercícios de cooperação que sustentarão os próprios desenvolvimentos cognitivos, moral, social e afetivo dos discentes. Este profissional deverá ser um facilitador, desenvolvendo a criatividade, vinculando valores sólidos, e contribuindo para a formação de um indivíduo/aluno com personalidades únicas. Conforme Freire (1997, p.47): “[...] às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar, na vida de um aluno, um simples gesto do professor”.

Mahoney e Almeida (2007, p.126) afirmam a importância da construção de um ambiente afetivo em sala de aula, porém o ambiente está diretamente ligado a postura assumida pelo professor. Os autores afirmam: “[...] na relação professor-aluno reconhecer o clima afetivo e aproveitar a rotina da sala de aula para provocar o interesse do aluno”.

Para Cunha (2002):

Quando o professor chega perto do aluno quando o chama pelo nome, há uma interação que faz o aluno se sentir sujeito do ato de aprender. Isto o anima a interferir no conhecimento, ainda mais quando o professor usa palavras de estímulos à sua capacidade de pensamento. Muitos professores usam o senso de humor para tornar-se mais próximos de seus alunos, dessa forma desmistificam a relação autoritária entre professor e aluno. (CUNHA, 2002, p.72)

Segundo Piaget (1971, p.271) não há possibilidade de desassociar a afetividade da cognição, no desenvolvimento intelectual. O autor afirma: “A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

A relação afetiva estabelecida entre o aluno e professor apresenta uma certa vulnerabilidade. Muitos docentes ignoram que o processo de evolução da afetividade potencializa o desenvolvimento cognitivo do aluno, o que provoca uma demonstração superficial de carinho.

Conforme Almeida e Mahoney (2004):

À medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem. (ALMEIDA; MAHONEY, 2004, p.198)

A afetividade deve ser uma prática constante para o educador provocar o seu aluno para uma reflexão sobre as ações propostas, não só para o desenvolvimento cognitivo daquele indivíduo, mas estabelecendo vínculos positivos junto aos conteúdos desenvolvidos.

Chalita (2001, p.153), relata que: “[...] quando o professor realiza pequenos gestos de atenção com o aluno, ele está quebrando barreiras e fertilizando o terreno da amizade”. Ainda segundo o autor, é o famoso afeto, que nada tem de complicado e que não exige sacrifícios, bastando um pouco de boa vontade e muito de vocação para o magistério, que faz acontecer às mudanças.

Segundo Saltini (1997):

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis, faz parte da paz que os alunos precisam. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar a criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-a sozinha ou junto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento de si mesmo, tanto do educador quanto da criança. (SALTINI, 1997, p.91)

Afinal, quem é o profissional? Quem é que deve criar condições para que a

aprendizagem aconteça? Quando Chalita (2001) fala que basta um pouco de boa vontade e muito de vocação para o magistério, cabe uma pergunta que todo educador deveria se fazer: Estou fazendo diferença na vida dos meus alunos? Sou realmente um professor, um mestre? Ou sou apenas um transmissor de conteúdo sem vida?

Logo, educar não é transmitir conhecimento, mas dar a oportunidade do aluno aprender e buscar suas próprias verdades. Para isso, deve-se utilizar o afeto e sobre isso Cunha (2008, p.51) diz:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é o meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que em muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz. (CUNHA, 2008. p.51)

De fato, o afeto é uma importante ferramenta no auxílio ao professor, ele sendo desenvolvido em sala de aula, com o objetivo de alcançar a atenção do aluno, certamente pode provocar vontade em querer aprender e ao mesmo tempo tornar-se participativo. O poder do afeto é magnífico. Ele quebra crenças limitantes além de promover o bem estar ao aluno.

O educador que tem um olhar sensível é o que, em sua prática pedagógica, avalia seus alunos e trabalha com eles de forma atenciosa e é capaz de compreender, contextualizando seus valores, em cima da realidade dos alunos para a melhor aprendizagem. A sensibilidade do professor torna-se capaz de entender os estágios de desenvolvimento da criança, fazendo-a vivenciar um mundo de imaginação, sonhos, alegrias, dentre outros..

Saltini (2008, p.49) afirma: “Com isso a educação, a qual demonstra que o sujeito (aluno), hoje passa a ter importância no ensino-aprendizagem, revela também que para haver um aprendizado significativo a relação que acontece, exerce influência, portanto, se faz necessário orientá-lo quanto ao uso deste conhecimento”.

O autor detalha que a relação desenvolvida entre o professor e o aluno permite grande aquisição e conhecimento, cada momento que é compartilhado pelos mesmos enriquece o aprendizado. Esses momentos são representados pelo que chamamos de afetividade, e como foi dito anteriormente, o cognitivo não está dissociado do afetivo. Cunha (2008, p.85) também diz que: “A sala de aula ao revestir-se da sua humanidade, com laços de compreensão e entendimento, com atividades dinâmicas e desejadas, com participação ativa do aluno e nutridas por seu interesse, poderá tornar o aprendizado surpreendente”.

A criança, em sua infância, demonstra o vínculo afetivo inicialmente na relação familiar: pais, filhos e irmão(s). Na fase escolar, a criança estabelece um vínculo afetivo com o professor, impulsionada pelo processo de aprendizagem.

Esse processo é detalhado por Fernandez (1991):

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer

um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. Com isso, [fica esclarecido] que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, psicopedagogos, conteúdo escolar, livros, escrita, não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações. (FERNANDEZ, 1991, p.47-52)

Observa-se que a afetividade deve fluir dentro da sala de aula, pois é nela que se desenvolve a educação emocional que prepara os alunos a se tornarem indivíduos com ótimas relações interpessoais e principalmente os alunos terão melhores condições intelectuais de aprender.

Saltini (2008, p.92) diz: “A educação é uma arte. Não é uma mera profissão ser educador. Manipulamos a educação com as duas mãos a do afeto e a da lei das regras”.

Segundo Cunha (2008, p.91):

Em razão do conhecimento prévio do conteúdo, o professor possui o domínio da matéria e, por conseguinte, sabe como promover o aprendizado dos seus alunos. Entretanto, além disso, ele ama o que faz. O seu amor provoca o amor da classe, como resultado, há fixação do que foi ensinado. A essa pedagogia, podemos chamar de afetiva. (CUNHA, 2008, p.91)

A pedagogia afetiva é esta linha que deve ser seguida em sala de aula, demonstrando afeto, sensibilidade, respeito, responsabilidade, dedicação, empatia e o compromisso, com o que se faz e para quem se faz. Uma vez a relação de confiança estabelecida, torna-se sólida e recíproca.

Oliveira (2006, p.47) registra:

[...] o desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seus meios, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece relações afetivas e emocionais. A criança traz para o ambiente escolar toda a carga afetiva de seu desenvolvimento com os familiares, os problemas emocionais surgirão nos contatos que se estabelecerão e, as crianças que tenham desenvolvido a inteligência emocional saberão lidar com as frustrações que este ambiente e suas relações lhes proporcionarão. (OLIVEIRA, 2006, p.47)

O diálogo, o sentimento em cada gesto, a cada palavra, são capazes de transformar o cenário educacional e humano onde se encontra esses sujeitos, seja como for, é imensurável pedagogicamente a instrumentação da afetividade na práxis do educador e do educando. Para tanto, cabe ao docente à responsabilidade de criar nesse espaço um ambiente saudável e equilibrado para todas as ações provenientes em sala de aprendizagem.

As percepções que o educando tem de seu docente estão relacionadas na forma que ele entende as ações, os vínculos e atitudes desse professor.

Segundo Freire (2005, p.97) que nos leva a tal reflexão:

A percepção que o aluno tem de mim, não resulta exclusivamente de como



eu atuo, mas também de como o aluno entende que eu atuo. Evidentemente, não posso levar os meus dias como professor ao perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem da minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito. (FREIRE. 2005, p. 97)

Percebe-se no cotidiano docente, nas tarefas que cabem no exercício das práticas, o quanto as relações estabelecidas com os educandos facilitam e servem como alicerces para as tratativas e encaminhamentos de várias situações que são comuns nas salas de aula. Neste contexto, torna-se fundamental a confiança do discente e a admiração que ele estabelece com o docente quando pertence a um ambiente no qual há respeito, uma relação recíproca, harmonia, confiança e domínio por parte de seu professor dos conhecimentos a serem apropriados.

## 2. O PAPEL DA AFETIVIDADE NA EDEUCAÇÃO

Historicamente, a formação do professor esteve orientada pelas práticas que valorizam a objetividade e praticamente eliminam as emoções. Deixando de lado a emoção dos sujeitos, na medida em que lhes é imposto certa neutralidade e indiferença como condição para o correto desempenho profissional.

Conforme Maturana (1999, p.15): “[...] vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”. Compreendemos a existência, dentro da sala de aula da relação de racionalidade e da afetividade.

A discussão sobre o papel da afetividade na educação vem de muito longe, mas não se pode deixar de ressaltar, por outro lado, num movimento afetivo que faça com que os conteúdos toquem os sujeitos, tornando a aprendizagem significativa.

Para Chalita (2001, p.230):

O grande pilar da educação é a habilidade emocional. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a cognitiva seja trabalhada. Trabalhar emoção requer paciência. Trata-se de um processo continuado por que as coisas não mudam de uma hora para outra. É diferente de uma simples memorização, em que o aluno é obrigado a estudar determinado assunto para a prova, decorar conceitos e o problema está resolvido. É diferente de um conceito em que o professor, detentor do saber em sua bondade, doa o conhecimento ao aluno que o decora esse conhecimento decidido pelo professor. A emoção trabalha com a liberação da pessoa humana. A emoção é a busca do foco interior e exterior de uma relação do ser humano com ele mesmo e com o outro, o que dá trabalho, que demanda tempo e esforço, mas que significa o passaporte para a conquista da autonomia e da felicidade. (CHALITA. 2001, p. 230)

Cada vez mais se reafirma, assim, a crescente necessidade de encaminharmos ações eficazes, permanentes e sustentáveis para a construção de um novo paradigma educacional.

Freire (2005, p.50) afirma: “[...] o que importa na formação docente é a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem”.

O ser humano é social, mas não nasce preparado para viver em sociedade. Desde a infância é doutrinado frente aos seus ímpetos pela família, também aprende as questões ao redor do respeito e da violência. Nesse período, à afetividade já contribui — e muito — para suas aprendizagens, adquirindo entendimento sobre os limites e a valorização do outro.

A questão da afetividade em sala de aula torna-se um dos principais fatores determinantes para um vínculo de qualidade entre indivíduos, e entre o indivíduo e o objeto de conhecimento. Freire (2005) reforça esta ideia ao afirmar que o educar deve ser fascinante, comovente, possibilitando a celebração e admiração do ato, admirando a beleza, a complexidade e uma realidade interconectada totalmente, sinérgica, sincrônica, portanto viva e ativa. Seguindo as ideias do autor, a expressão da afetividade e da sensibilidade na relação pedagógica, entende-se que no processo educacional estão envolvidos aspectos cognitivos. Contudo, também há afetivos que marcam e conferem aos objetos um sentido que determina a qualidade das aprendizagens. Segundo Freire (1996):

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE. 1996, p. 160)

Na mediação frente ao processo de ensino aprendizagem, a educação de forma afetiva faz com que as atividades em sala de aula tornem-se um ambiente que favoreça a convivência e a troca de experiências em prol do saber, tanto do professor quanto do aluno.

Rousseau (1994) nos presenteia com a seguinte definição, quanto ao afeto na relação Professor – Aluno:

O aluno deve, sobretudo, ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam- se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre.” (ROUSSEAU, 1994, p.23- 24).

De forma interdisciplinar, as vivências de ambos acabam constituindo uma prática enriquecedora à medida que o professor acaba preparando esse aluno para a vida, além da sala de aula.

Ser um agente capaz de transformar o meio que está inserido é um dos inúmeros

papeis do professor para com o seu aluno. Complementando com as palavras de Freire (1979, p.15): “[...], não há educação sem amor [...] Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar.”

Ao mesmo tempo em que o aluno é inserido nesta atividade, faz com que sua práxis seja cada vez mais fomentada por suas descobertas, vivências e reflexões. Almeja-se, através dessa ação, que o sujeito possa ser totalmente proativo frente a esse exercício, já que o trabalho dignifica-o.

Conforme Chalita (2001, p.52): “[...] o homem certamente nasceu para o trabalho, que lhe é indispensável como o meio de subsistência e como meta para concretizar seus planos”. Sobretudo, o autor diz que o grande desafio do educador é convencer o educando na valorização do bem comum, da convivência e responsabilidade junto aos demais indivíduos, objetivando a construção de um mundo cada vez melhor para esta e para as gerações que virão, onde o alicerce está fundamentado no respeito do professor para com o seu aluno.

Sobre isso, o autor Chalita (2001, p.137) afirma:

Respeito ao aluno é o elemento fundamental a ser obedecido para que se forme uma geração com capacidade simultânea de sonhar e de executar, uma geração que imagine utopias e lute para a concretização delas; que se imponha metas e não tenha medo de tentar atingi-las, em qualquer idade. (CHALITA. 2001, p.137)

Com sua fundamentação oriunda de uma relação afetiva cheia de significados, o docente deve ter a preocupação em fazer da sala de aula, um espaço propício para a existência de interações entre os alunos, criando possibilidades de emergir a construção do conhecimento, onde essas interações vão assumir o papel na formação efetiva dos educandos. Com essa preocupação, deve-se observar mais o aluno, ouvi-lo; nesse sentido, já não basta ter criatividade, dinamismo, entendimento profundo dos conteúdos, que são importantes. Mas, acima de tudo, é necessário que esse aluno encontre vínculo e uma relação amistosa.

Segundo Libâneo (1999), o professor não apenas transmite uma informação, ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Ele dispensa atenção e preocupa-se para que o indivíduo/aluno desenvolva sua forma de expressão. Ao expressar opiniões, ou dar respostas, os alunos demonstram como estão reagindo à atuação do professor.

Para tanto, pode-se afirmar que, o fruto da aprendizagem está vinculado essencialmente na forte relação afetiva existente entre aluno e professor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo possibilitou a verificação de um tema de grande relevância, provocando uma revisão sistemática, por parte do docente, sobre a sua práxis, pois a afetividade tem uma importância significativa no processo de aprendizagem, conforme detalhado no estudo

realizado.

Considera-se com mais clareza que a afetividade, mesmo que inconsciente, está presente em todas as ações de ensino que o professor assume desempenhar, constituindo-se como fator elementar das relações que se estabelecem entre alunos e conteúdo.

Passa-se a compreender que se o educador conhece seus alunos e valoriza as relações dentro da sala de aula, auxiliando-os em seus interesses, possibilitando a apresentação de soluções, para que as salas de aula tenham clima afetivo. Para isso, planejando aulas com atividades atraentes, que despertem a curiosidade, contribuindo no processo de ensino aprendizagem.

Os fenômenos afetivos referem-se da mesma maneira aos estados de raiva, medo, ansiedade, frustração, tristeza, angústia, sentimentos presentes nas relações sociais, que desgastam não somente o aluno, mas também o professor. Assim, o educador mediador deve valer-se das relações afetivas para contribuir no processo de aprendizagem, aproveitando-se das competências para criar e desenvolver o novo, adotando uma postura de revisão reflexiva de suas práticas. Os indivíduos/alunos aprenderão muito mais e, com certeza, com maior qualidade. Para isso, demonstrando a qualidade desse ambiente — receptivos, afetivos, tolerantes e flexíveis, dentro das regras organizacionais.

Para que as relações entre o professor, o aluno e o conhecimento gerem resultados positivos, é necessário que o docente encontre um sentido que lhe traga orgulho, felicidade e que seja esse seu maior objetivo. Que consiga descobrir na afetividade o caminho pelo qual estava buscando e também conhecendo.

Os autores consultados para o presente estudo consideraram a importância do afeto nas relações que estabelecemos como elementos fundamentais para que ocorram novas mudanças no comportamento, nas ações e, principalmente, que favoreçam a formação de indivíduos autônomos, capazes de analisar, tomar decisões, influenciar positivamente aqueles que o cercam, reformando a sociedade na qual estão inseridos, sendo capazes de gerar transformações mais humanas. Para tais transformações, salienta-se o papel do professor, que traz como missão a forma que exerce sua profissão, quando de maneira apaixonada pelo que transmite, e pelo aluno, e consegue perceber as realidades em tempo de cada turma, não exercendo a docência de forma padronizada, sabendo que, as relações interpessoais que estabelece servirão de base para que haja o despertar da curiosidade.

Todo o ser humano precisa de limites, mas também de carinho e de amor. Um educando aprende o que é o respeito, e respeita a partir do momento que reconhece o seu educador como um amigo que o respeita e merece respeito, como também alguém que se preocupa de verdade com ele e que lhe mostra os caminhos.

O estudo apresenta o verdadeiro papel do educador na vida do educando e sobre como poderá exercer sua influência de forma positiva, ou negativa. Cabe ao professor enxergar o aluno como um ser único que precisa aprender. Para que isso aconteça, é fundamental a compreensão da necessidade de amor, respeito e muito afeto.

As palavras dos autores pesquisados reforçam os resultados desta pesquisa, que apontam para a influência das relações entre professor e aluno na aprendizagem do discente. Percebe-se a importância da presença do afeto na relação professor e aluno, bem como ser possível identificar nas entrelinhas que a qualidade das relações, em uma sala de aula, deve ser fomentada pelo professor.

Um professor entusiasmado, sem dúvida é fundamental para o bom ensino. É um diferencial. A sua função aparece como sendo a de ensinar, contribuindo e fazendo com que seus alunos tenham paixão pelo que estão aprendendo, ajudando-os a tomarem iniciativas e irem à busca de conhecimentos que lhes proporcionem a construção de um mundo mais humano e justo.

O professor deve interagir com seus alunos, procurar saber o que pensam e o que também gostariam de aprender, suas expectativas, os seus medos e ansiedades. Quando ele não interage, não se sente motivado com a sua prática e com a sua vida pessoal, estabelece sentimentos negativos no processo e na relação com seu aluno.

Para esses educandos, torna-se fundamental que os professores tratem bem a todos, não fazendo diferença entre uns e outros, pois eles demonstram desejo de ser respeitados na sua condição de aluno, considerando que aí existe uma pessoa. Torna-se, também, importante lembrar que as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização de mudanças em níveis profissionais e comportamentais.

Importante ressaltar também, que o carinho, o amor transmitido, não vai anular a autoridade do professor. Pelo contrário, vai aproximá-lo ao aluno. Ao interagir com seus alunos, está ensinando experiências que serão essenciais para viver.

O questionamento que permeia este trabalho é um dos passos em direção ao entendimento amplo das contribuições que os sentimentos afetivos podem servir como estímulos e com isso agregar inúmeros conhecimentos aos sujeitos.

Entende-se que o segredo do bom ensino está diretamente ligado ao entusiasmo pessoal do professor. O docente é o principal agente estimulador, para que o indivíduo/aluno desenvolva a paixão pelo aprendizado: ajudar os alunos a tornarem iniciativas na busca de conhecimentos que lhes proporcionem a construção de um mundo mais humano e justo. Essa, por sua vez, é a tarefa árdua e mais prazerosa, que o professor na sua utopia busca tornar real, todos os dias.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita da Silva. **A emoção na sala de aula**. SP: Papyrus, 4a ed., 2004. Coleção Papyrus Educação.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BENATO, Adrianna Fabiani. **Afetividade no processo de aprendizagem**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2001. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?lookup=0&q=BENATO,+Adrianna+Fabiani.+Afetividade+no+processo+de+aprendizagem.&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](https://scholar.google.com.br/scholar?lookup=0&q=BENATO,+Adrianna+Fabiani.+Afetividade+no+processo+de+aprendizagem.&hl=pt-BR&as_sdt=0,5). Acesso em 02 outubro de 2020.

CHALITA, Gabriel. **EDUCAÇÃO: A solução esta no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2002.

FERNANDEZ, A. *A Inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e sua Família*. Porto Alegre: Artes Medicas. 1991.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª. ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 13. ed. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, Coleção Magistério. Série formação do professor, 1999.

MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2007.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, G. A Transmissão dos Sinais Emocionais Pelas Crianças. In: Sisto, F.; Martinelli, S. **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2006.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilingue. Paraula, 1994.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

\_\_\_\_\_. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

TRANFIELD, David, DENYER, David; SMART, Palminder. ***Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge Means Review. of Systematic*** London: *British Journal of Management*, p. 207–222, 2003.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.